

COSMOVISÃO CRISTÃ E A ESFERA PÚBLICA: A Vida Cristã Guiada Pela HistóriaDa Bíblia A Partir De Daniel 1-6

Renan Filipe Rosa

Dr. Teresa Akil

Resumo: A cosmovisão cristã baseada na história da bíblia aponta para o modelo mais próximo ao que o livro sagrado propõe para o cristão viver numa sociedade não cristã. Isso acontece pelo fato do modelo apresentar a verdadeira história do mundo e como ele realmente é, a partir disso, o cristão pode saber como viver na esfera pública sem abandonar a sua fé, buscando o bem coletivo de toda a sociedade e o engajamento nas atividades culturais. O contexto narrativo do livro de Daniel (1-6) foca suas passagens na vida pública do servo de Deus, com isso, é possível vê-lo viver na esfera pública sem abandonar a sua fé, buscando ser influente. Portanto, o modelo guia o cristão a ser uma influência no espaço público, pois sua fé se relaciona com a cultura de maneira complementar.

Palavras Chaves: Cosmovisão. Dominionismo. Influência.

Abstract: The Christian worldview based on the history of the Bible points to the model closest to what the Holy Book proposes for Christians to live in a non-Christian society. This is because the model presents the true history of the world and how it really is, from which the Christian can know how to live in the public sphere without abandoning his faith, seeking the collective good of society as a whole, and engaging in cultural activities. The narrative context of the book of Daniel (1-6) focuses its passages on the public life of God's servant, so it is possible to see him living in the public sphere without abandoning his faith and seeking to be influential. Therefore, the model guides the Christian to be an influence in the public sphere because his faith relates to culture in a complementary way.

Key-Words: Worldview. Dominionism. Influence.

1. INTRODUÇÃO

Ao viver-se na esfera pública da contemporaneidade, é comum a predominância da pluralidade de pensamento na vida dos cidadãos de maneira geral, pois não há mais uma base intelectual dominante como havia em épocas passadas. Essa mudança de paradigma resultou na exclusão da fé cristã do espaço público.

A fé cristã vem perdendo a relevância com o passar do tempo, chegou-se à conclusão de que ela não serve mais e que por isso, deve ser cortada da esfera pública e ser reservada para a esfera privada, logo, manifestar a fé cristã num ambiente onde reina a pluralidade se tornou estranho e até mesmo inapropriado.

Diante da realidade da exclusão cristã da esfera pública, foi necessário formular um modelo para viver em tal ambiente, haja vista que, é impossível se afastar do ambiente público, o cristão precisa encontrar uma forma em que ele venha se adequar a sociedade sem deixar os seus preceitos e mandamentos bíblicos.

Dentre os mais variados modelos o presente artigo vai analisar dois que foram formulados para se viver na esfera pública, o primeiro diz respeito a dominação da esfera pública como um todo, conquistando todas as esferas e construindo assim, uma nação totalmente cristã; outro modelo que foi formulado é o que busca influenciar as esferas se envolvendo nas atividades culturais.

Os modelos que foram organizados ao longo da história são reações à exclusão cristã da esfera pública, com isso, cada modelo terá uma base em que se fundamentará e assim, guiará os cristãos a terem condutas de acordo com a visão.

O modelo de dominação parte do princípio que o cristianismo tem o objetivo de cristianizar o mundo, logo, o seu envolvimento com a esfera pública visa a sua conquista; não é um retorno da hegemonia católica medieval, mas um entendimento da vivência em uma realidade profundamente conversionista, adquirindo características protestantes.

O modelo de influência apoia seus fundamentos teóricos e práticos olhando para a história do mundo a partir da cosmovisão cristã apresentada pela história da bíblia, isso significa que os cristãos influenciam o mundo entendendo a sua história.

A bíblia como uma história faz com que os cristãos contemporâneos entendam como o mundo realmente é, isso desenvolve um senso prático de como lidar com

questões modernas na esfera pública. Guerras, mortes, injustiças e outras questões são melhor vistas quando se entende a verdadeira realidade do mundo.

Neste presente artigo, o modelo de influência será interpretado como a cosmovisão cristã, pois é o que melhor apresenta a maneira como o cristão deve viver na esfera pública, visto que, não os leva a se confirmarem com os padrões desenvolvidos pela sociedade secular.

Para melhor fundamentação, o livro de Daniel será apresentado como ponto de partida para analisar quais dos dois modelos é mais coerente com a visão bíblica do povo de Deus vivendo em terras contrárias à sua fé.

A parte narrativa de Daniel (1-6) apresenta o jovem vivendo no império babilônico tendo que servir ao rei com trabalhos na esfera pública, diante da realidade do livro, é necessário entender como tal narrativa ajuda no debate do cristão encontrar um modelo fiel ao texto sagrado.

No que diz respeito a questões de data e autoria não serão analisadas profundamente, pois o foco do presente artigo é outro. Serão analisadas mais a parte prática do livro, onde pontos de encontro com a vida cristã na contemporaneidade serão ligados.

O compromisso do uso da narrativa de Daniel é saber qual dos dois modelos pode se encontrar apoio para validação cristã.

2. O CONTEXTO DO LIVRO DE DANIEL

Na história de Israel, o período do exílio, foi o momento em que uma parcela do povo de Judá foram exilados no reino da Babilônia por 70 anos. Diante da invasão babilônica, o reino do sul foi destruído, assim como o templo, os muros e a própria cidade de Jerusalém, assim começa o livro de Daniel e também o seu contexto.

Segundo Lopes, (2014, pg. 24): “Babilônia era o maior império do mundo. Era a senhora do universo. Nesse contexto de apostasia, mundanismo, infidelidade, desobediência, guerra e ameaça de uma invasão internacional é que Daniel cresceu”¹.

No capítulo 1 quatro jovens são listados para servirem na corte real de Nabucodonosor, são eles: Daniel, Hananias, Misael e Azaria.

Esses jovens estavam em uma nação que não pertencia a aliança firmada por Deus no monte sinai, a Babilônia vivia em idolatria, suas práticas eram pagãs, sua cosmovisão era centralizada em vários deuses, tendo rituais e práticas litúrgicas² contrárias a aliança sinaítica.

A Babilônia tinha uma cultura totalmente religiosa, não havia uma separação entre esfera privada e pública ou entre o sagrado e o secular, com isso, todas as atividades realizadas tinham a ver com a religião. Campos Jr, (2019, p. 94) diz que “No contexto da educação babilônica, tudo era explicitamente religioso. Não havia separação entre ciência (astronomia) e esoterismo (astrologia), ciência (química) e magia (alquimia) - uma dicotomia pós-Iluminismo.”³

Os quatro jovens viviam numa cidade inóspita à fé em Deus, ao longo do contexto narrativo (capítulos 1-6) é apresentada a posição que esses jovens tomaram diante das circunstâncias ameaçadoras à sua fé.

Como esses jovens iriam relacionar sua fé com a cultura pagã? Sobre o posicionamento que eles tiveram diante das circunstâncias, Lopes (2014, p. 25) pressupõe dois desafios que Daniel teve que enfrentar, ele diz que “Em primeiro lugar, no meio de uma geração que se corrompia, Daniel possuía valores absolutos. Ele era ainda um adolescente, mas conhecia a Deus.”⁴ Relativizar os “valores

¹ Lopes, Hernandes Dias. *Comentário bíblico expositivo de Daniel - Um homem amado no Céu*. 6º ed., São Paulo: Hagnos, 2005, p. 134.

² Reinke, André D. *Os outros da bíblia - História, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*. 1º ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p.

³ Jr., Heber Campos. *Amando a Deus no mundo - por uma cosmovisão reformada*. 1º ed., São Paulo: Fiel, p. 94

⁴ Lopes, Hernandes Dias. *Comentário bíblico expositivo de Daniel - Um homem amado no Céu*. 6º ed., São Paulo: Hagnos, 2005.

absolutos” é desqualificá-los num sentido universal, isto é, deixam de ser transcendentais, caindo na armadilha de ser opinião humana.

Os três anos na “universidade federal da Babilônia” serviu para uma ressignificação da identidade dos jovens, isto é, seria apresentado para eles a cosmovisão que fundamentava a nação. No capítulo 1 há dois fatos acerca dessa mudança de identidade, são eles: A mudança de nome e a rejeição da alimentação oferecida pelo rei.⁵

Ambos os fatos são significativos para a formação identitária dos quatro jovens, uma vez que, a partir da sua crença ensinada na terra natal, Judá, eles permaneceram fiéis em circunstâncias significativas.

2.1 Daniel e o judaísmo do segundo templo

A posição que Daniel e seus amigos tomaram diante da fé babilônica, resultou na influência de resistência dos seus leitores que viveram anos depois sobre o domínio de outras nações. Segundo Rodrigues (2006):

(...) podemos dizer que o livro de Daniel com o seu imaginário circulou entre as ações de “bandidos e messias”, tornando-se um apocalipse militante entre o milenarismo popular; bem como, está presente em outras obras apocalípticas do milenarismo literário.⁶

Isso não significa que as narrativas de Daniel ou até mesmo a sua teologia, incentivam os leitores originais a pegarem em armas e fazerem uma revolução civil, a questão é que os judeus do segundo templo leram o livro exatamente como um modelo de resistência contra o império romano, visto que o reino de Deus precisava ser estabelecido.

Wright (2022, p. 506) falando sobre a esperança de um reino israelita terreno diz o seguinte:

Um dos livros bíblicos que mais enfatizou esse tema foi Daniel – a propósito, um dos livros favoritos dos judeus de mentalidade revolucionária do primeiro século, os quais o reinterpretem de modo a exprimir a mensagem do reino a ser estabelecido contra a opressão romana.⁷

A leitura do livro de Daniel dessa forma se dá muito pelo que o livro se propõe a tratar, a saber: O controle soberano de Deus sobre os reinos humanos na história.

⁵ Acerca da mudança dos nomes, Heber Campos Jr. afirma: Os próximos três anos de “universidade” seriam uma espécie de reformatação. Afinal, os caldeus começaram modificando os nomes daqueles jovens (v. 7). É significativo que a história destaque a mudança de nomes. Afinal, nomes na cultura judaica eram importantíssimos, eram dados porque representavam uma história de vida.

⁶ Silva, Rafael Rodrigues da. Edition and heresy: the book of Daniel. 2006. 346 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

⁷ Wright, N. T. O Novo Testamento e o Povo de Deus: Origens cristãs e a questão de Deus. 1º ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p, 506

A teologia do livro enfatiza bastante essa temática.⁸ Com isso, Daniel segue a tradição profética Isaiana quando trata sobre o reino de Deus de forma imanente, trazendo uma restauração de Israel sem um modelo transcendente. Sobre a temática do reino de Deus no judaísmo do segundo templo, Wright (2022, p. 503) afirma:

Reino de Deus", considerado histórica e teologicamente, constitui um slogan cujo significado fundamental se resume à esperança de que o deus de Israel governará a nação (e o mundo inteiro), e de que César, Herodes ou qualquer outro tirano da mesma categoria, não. Significa que a Torá será finalmente cumprida; o Templo, reconstruído; a Terra, purificada. Não significa necessariamente uma santa anarquia (embora alguns parecessem desejá-la).⁹

Wright (2022, p. 504) continua:

Para que o deus de Israel se tornasse rei, muitos ansiavam por torná-lo rei por quaisquer meios necessários [...] A frase "reino de deus", portanto, cuja ocorrência é apenas esporádica em textos desse período, funciona uma expressão abreviada, porém crucial, para um conceito que poderia ser expresso de diversas outras maneiras, como por exemplo, a impossibilidade de Israel ter qualquer governante além de seu deus ou a necessidade divina de reverter sua situação política, restabelecendo a nação, o templo, a terra e a torá¹⁰

É possível afirmar que certos grupos militantes do judaísmo do segundo templo usaram o livro de Daniel como um modelo de cosmovisão dominante, com um teor político/religioso, tendo como propósito conquistar/implementar/dominar a terra de Israel como fator positivo do estabelecimento do reino de Deus na terra.

Portanto, é possível ver que havia no judaísmo do segundo templo, grupos militantes que tentaram conquistar Jerusalém usando a força, fazendo rebeliões e revoltas, com a imagem de serem agentes de Deus para a restauração de Israel.

2.2 Daniel e o apocalipsismo

Divide-se o livro de Daniel em duas partes, a primeira é: Capítulos 1-6 e a segunda são os capítulos 7-12. A primeira parte da divisão se preocupa em mostrar a narrativa do livro e a segunda parte descreve mais os relatos de Daniel sobre seus sonhos e visões sobre o tempo do fim.

Tradicionalmente, Daniel é considerado um livro do gênero "Apocalíptico", contudo, antes de ser um gênero, o apocalipsismo foi um movimento que surgiu no

⁸ Lasor, William S, et al. Introdução ao antigo testamento. 2º ed. São Paulo: Edições vida nova, 2021, p. 618.

⁹ Wright, N. T. O Novo Testamento e o Povo de Deus: Origens cristãs e a questão de Deus. 1º ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 503

¹⁰ Ibidem., p. 504.

contexto do judaísmo do segundo templo, em que possuía uma leitura da realidade voltada para os fins dos tempos.

Segundo Scott Jr. (2017, p. 195) o “‘apocalipsismo’ denota um estilo literário ou o contexto social percebido pelo escritor e seu grupo e a visão de mundo deles”.¹¹

A cosmovisão do apocalipsismo entende que o fim será o momento glorioso onde Deus reinará soberanamente o mundo todo por meio de Israel, logo, a linguagem usada por esses grupos estariam de acordo com a tradição profética que falava sobre a restauração de Israel.

Quando um Judeu do segundo templo lê Daniel capítulo 2 e vê que uma pedra vai cair destruindo todos os reinos terrenos, se tornando uma montanha, ele entende que esse é o reino de Deus e o momento que a opressão de outros povos vai terminar.

Sobre a interpretação de Daniel capítulo 2, Wright (2022, p. 506) cita Josefo e como os leitores de sua época enxergavam essa passagem.

De particular importância é a passagem em Guerras 6.312-15, que descreve "um oráculo ambíguo" das escrituras judaicas, o qual, "mais do que qualquer outra passagem, incitou [os judeus] à guerra", proclamando que "alguém de sua nação se tornaria o governante do mundo". Evidentemente, Josefo interpreta isso como referência ao imperador Vespasiano, proclamado como tal, pela primeira vez, em solo judaico; contudo, Josefo observa que muitos "homens sábios" acreditavam que o texto se referia a alguém de raça judaica, "até que a ruína do seu país e a sua própria destruição os convenceram de sua própria loucura". (...) Apesar da própria reinterpretação de Josefo, a perspectiva comum do primeiro século transparece: dos judeus, surgiria um líder, um grande rei que governaria o mundo inteiro, destruindo todos os impérios rivais.¹² (Wright, 2022, apud Josefo, não paginado)

Portanto, para certos grupos do judaísmo do segundo templo, a vida na esfera pública tinha um viés de conquista, onde o objetivo não era fazer parte da cultura contribuindo para o bem comum de todos, mas sim viver de uma maneira específica para conquistar o mundo para o reino de Deus.

De certa forma, a leitura que faziam de Daniel contribuiu para o estabelecimento dessa ideia ao longo de toda a história do Cristianismo.

3. O dominionismo como modelo para a vida na esfera pública

O Cristianismo surge a partir do Judaísmo, não como movimento oposto, mas sim complementar, com isso, alguns conceitos ainda permaneceram na fé cristã, a

¹¹ Scott Jr., J. Julius. *Origens Cristãs do Novo Testamento: um estudo do judaísmo intertestamentário*. 1ª ed. São Paulo: Shedd publicações, 2017, p. 195.

¹² Wright, N. T. *O Novo Testamento e o Povo de Deus: Origens cristãs e a questão de Deus*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 506.

partir disso, os conceitos de conquista/dominação ainda continuaram, principalmente com a inserção do cristianismo ao império romano.

Ao longo da história da igreja, esse conceito de estabelecimento do reino de Deus de forma imanente foi ganhando cada vez mais notoriedade. O alinhamento entre fé cristã e política começou com a inserção do cristianismo ao império romano por Constantino.¹³ (More, 2024)

Em 380 d.c foi feito o Edito Tessalônico que instituiu o cristianismo como religião oficial do império romano, a partir disso, viver a fé cristã na esfera pública passou a ter um viés mais político do que religioso.

Se tratando da relação do cristianismo com a ideia de expansão territorial visto já na idade média, o fio condutor de campanhas como as cruzadas e as grandes navegações era o conceito de conquista/dominação do mundo por meio da fé.

No que diz respeito ao protestantismo, as reformas protestantes, principalmente as que aconteceram na Suíça e Inglaterra, impulsionaram uma nova abordagem a respeito desse conceito de conquista/dominação.

Já no período moderno, com as peregrinações puritanas até as colônias inglesas, criou-se a ideia de uma nação totalmente cristã, seguindo os mandamentos de Deus e vivendo em santidade.

Portanto, é possível ver na história do Cristianismo uma raiz conceitual ao modelo de conquista/dominação de uma nação para o reino de Deus, onde o objetivo da vida cristã na esfera pública era estabelecer esse reino.

Enquanto muitos grupos do cristianismo buscaram viver isolados da sociedade, outros buscaram ter em seus corações o impulso pela cristianização do mundo. A respeito dessa questão, a formação dos EUA é importante para entender como a fundamentação teológica foi ganhando cada vez mais espaço.

3.1 O dominionismo na formação dos EUA

No ocidente, uma nação que exemplifica a questão da dominação do cristianismo na esfera pública é os EUA, isso se dá por causa da sua formação enquanto nação, tendo o cristianismo como base central, com isso, o legado cristão nasce e perdura até a atualidade.

¹³ More, Russell. Como viver no mundo sem abrir mão do evangelho. 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2024, p. 53

Por causa dessa raiz histórica, muitos cidadãos estadunidenses afirmam que os EUA é ou pelo menos já foi um país totalmente cristão. A respeito da formação cristã do EUA, Siqueira (2022, p. 62) afirma:

Muitos cristãos evangélicos americanos alimentam a fantasia de que os pais fundadores, como são chamados os líderes políticos que assinaram a declaração de independência ou participaram da revolução americana, eram cristãos fervorosos que pautaram suas decisões nos princípios bíblicos e na piedade cristã.¹⁴

Moore (2004, p. 50) seguindo a mesma linha de Siqueira (2022) diz: “Permitimos que Thomas Jefferson, Benjamin Franklin e outros sejam caracterizados como convertidos que fundaram ‘uma nação cristã’, mostrando que não são apenas os santos dos últimos dias que tentam batizar os mortos”¹⁵

O fato da formação dos EUA ter uma raiz ligada ao cristianismo, fez com que um imaginário social a respeito da nação como uma escolhida por Deus para levar o evangelho ao mundo surgisse na mentalidade do povo, historicamente esse conceito é chamado de teologia do destino manifesto.

Para SIQUEIRA (2022, p. 62) essa teologia se aproxima da teologia do domínio uma vez que “enxerga os Estados Unidos uma espécie de novo Israel, ou seja, a nação escolhida por Deus para implementação do seu reino”.¹⁶

De acordo com González (2011, p. 280) o destino manifesto se resume à “convicção dos brancos americanos de que o seu país tinha um objetivo assinalado pela divina providência de guiar o restante do mundo nos caminhos do progresso e da liberdade.”¹⁷

Os EUA é a nação que assumiu para si o papel de eleita por Jesus para a evangelização dos perdidos e o estabelecimento do reino de Deus. Logo, por ter este status, é vista por seus habitantes como uma nação genuinamente cristã.

De acordo com Siqueira (2022, p. 62) a cristianização de toda a nação Estadunidense, mesmo sendo algo criado em solo da América do Norte, recai também aos cristãos Brasileiros:

Embora seja uma crença ultranacionalista, essa ideia encontra ecos em evangélicos brasileiros que encaram os EUA como o modelo ideal de

¹⁴ Fernandes, Gutierrez Siqueira. *Quem tem medo dos evangélicos?: Religião e democracia hoje*. 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 62

¹⁵ More, Russell. *Como viver no mundo sem abrir mão do evangelho*. 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2024, p. 50

¹⁶ Fernandes, Gutierrez Siqueira. *Quem tem medo dos evangélicos?: Religião e democracia hoje*. 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 62

¹⁷ González, Justo L. *História Ilustrada do Cristianismo: A era entre os reformadores até a era inconclusa*. 2 ed. vol. 2. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 280

nação cristã, seja no passado ou no presente. (...) Os evangélicos brasileiros quando apontam os EUA lembram com certo regozijo que a vasta maioria dos presidentes americanos eram protestantes.”¹⁸

Muitos cristãos brasileiros adotam a narrativa dominionista como cosmovisão para a vida na esfera pública, logo, a vida cristã tem como alvo a cristianização de todo o país para o estabelecimento do reino de Deus. A partir disso, cria-se o imaginário social da necessidade de converter todas as áreas da sociedade, como a educação, política, saúde, mídia, economia e afins, exatamente como era a vida em Israel no AT.

Os atos revolucionários que aconteceram em Brasília no dia 08/01/2022 deixa claro que no Brasil, ainda há um grupo de cristãos que anseiam pela conversão nacional, retirando todas as religiões e trocando a constituição pela bíblia.¹⁹

3.2 Uma modelo ineficaz

O modelo dominionista apresentado pela teologia norte americana se mostrou ineficaz ao longo da história e até mesmo no seu funcionamento nos EUA.

A ideia dos EUA como uma nação cristã é no mínimo exagerada e até mesmo muito otimista, tendo em vista a realidade do cristianismo no país. Moore (2024, p. 13, 14) entende que por mais que o cristianismo seja a maior religião no contexto norte americano, a visão que a maioria dos cidadãos possuem é uma simpatia com a fé.

A maioria dos americanos se identificava com o cristianismo e com os benefícios da cristandade, como ir à igreja e ter autocontrole moral. Tais práticas eram aprovadas pela cultura como uma forma de se tornar bons cidadãos, do tipo capaz de resistir a ataques inóspitos ou às ameaças do comunismo global. (...) O problema é que, desde o princípio, os valores cristãos sempre foram mais populares na cultura do que o evangelho cristão. É por isso que era possível alguém falar sobre "Deus e a nação" com grande receptividade em quase qualquer era da história do país, mas o mesmo indivíduo criaria distância cultural assim que mencionasse "Cristo crucificado". Deus sempre foi bem vindo na cultura americana. Afinal, é a Divindade cuja função é abençoar o país. Contudo, o Deus que deve ser abordado pela mediação dosangue de Cristo.²⁰

O modelo de vida cristã na esfera pública pregado pela cosmovisão dominionista apresenta um cristianismo simpatizante com a fé, sem ter o real

¹⁸ Fernandes, Gutierrez Siqueira. *Quem tem medo dos evangélicos?: Religião e democracia hoje*. 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 62

¹⁹ Martins, Yago. O cristianismo deturpado dos atos violentos de Brasília. 10/01/2023. <https://youtu.be/S3AS9Ksnydc?si=ftJYRkZRI6hpcIhy>. Acesso em: 11 jun.

²⁰ More, Russell. *Como viver no mundo sem abrir mão do evangelho*. 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2024, p. 13, 14

compromisso com a cruz de Cristo, logo, quando um cristão Brasileiro tenta exportar esse modelo, surgem conflitos que acabam trazendo prejuízos para a vida pública.

Não é atoa que muitos secularistas olhando para a religião tentem exterminá-la. O problema não é o crescimento da fé, mas a sua qualidade, isto é, como ela tem sido vivida.

3.2.1 Daniel e a cosmovisão do dominionismo

Não é possível encontrar na leitura do livro de Daniel nenhum apoio a uma cristianização da nação ou o estabelecimento do reino de Deus pela força ou revolta. A vida pública de Daniel não o apresenta como um líder revolucionário ou um militante da fé hebraica.

De certa forma a teologia apresentada pelo livro de Daniel converge para uma posição na esfera pública de influência e não dominação, visto que, a premissa é que Deus é o Senhor da história e ele próprio estabelecerá seu reino. Segundo Kaiser Jr. (2011, p. 62)

A teologia de Daniel é claramente a antítese dos reinos sucessivos da raça humana. Em contraste com estes reinos, há o reino de Deus, sempre presente que triunfará no fim. Ele é central à mensagem de Daniel. Exilado com Ezequiel, Daniel olhou para além da catástrofe do colapso de Jerusalém e da linhagem davídica, para aquele prometido e eterno reino de Deus, que triunfará sobre todos os obstáculos observáveis à época.²¹

A ideia da teologia de Daniel, portanto, é que o povo de Deus é participante do estabelecimento do reino de Deus de forma influente, visto que, quem de fato faz o reino ser existente não é o povo de Deus dominando a criação, mas sim o próprio Senhor que é soberano sobre a história.

No capítulo 2, Deus revela tanto para Nabucodonosor como para Daniel que Ele é o responsável por esse feito, há um termo usado no capítulo que indica essa responsabilidade de Deus; no capítulo 2 vemos a “Pedra” como um símbolo para uma ação direta de Deus no estabelecimento do seu reino.

(...) A pedra torna-se um grande reino que enche a terra inteira. A “Pedra” faz lembrar a “pedra angular” de Isaías (Is 28:16), enquanto os metais claramente se identificam como os quatro impérios que se iniciavam com a Babilônia, seguida pelo domínio repartido da Média-Pérsia, Greco-Macedônia e o império Romano ou Ocidental. A interpretação dada em Daniel 2:44 era clara como cristal: No futuro, Deus suscitará um reino que jamais será destruído, que durará para sempre.²²

²¹ Kaiser, Walter C. Jr. *O plano da promessa de Deus: Teologia bíblica do Antigo e Novo testamento*. 1 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 227

²² Ibidem. 227

Portanto, o modelo de dominação da esfera pública não faz jus à natureza soberana de Deus, pois faz com que o ser humano assuma a posição dEle de ser agente direto no estabelecimento do Reino. Logo, é necessário que haja um modelo que seja coerente com a palavra de Deus para o Cristão viver de forma sábia na esfera pública.

Um modelo viável para a vida na esfera pública é aquele que tem como base a cosmovisão cristã apoiada na história da redenção, pois através dele o caminho direcionado para o cristão é o de influência/engajamento que o fará viver como Daniel no contexto da Babilônia.

4. Daniel e a cosmovisão cristã

O livro de Daniel faz parte de um contexto maior, estando inserido numa metanarrativa que tem como finalidade, revelar como Deus, após a queda, planejou resgatar toda a sua criação para si, visto que o pecado a separou. Essa é a história da bíblia.

Dentro do Evangelicalismo Brasileiro, é comum identificar a Bíblia como um “manual” que contém as regras básicas para todo cristão seguir, contudo, essa identificação acaba sendo reducionista, uma vez que diminui o caráter histórico da bíblia.²³

Enxergar o livro de Daniel a partir da narrativa da redenção, esclarece os princípios básicos para os seus posicionamentos e fidelidade para com os mandamentos de Deus, isso acontece porque histórias constroem identidades, como afirmam Bartholomew e Goheen (2017, p. 22): “A fim de entender nosso mundo, dar sentido à nossa vida e tomar as decisões mais importantes sobre como devemos viver, dependemos de alguma história”²⁴

Portanto, enxergar a bíblia como uma história não diz respeito a conceitos abstratos, mas sim a direcionamentos práticos da vida cristã na esfera pública, como é o caso de Daniel.

O olhar sobre toda bíblia a partir da perspectiva da redenção é o que é possível ser chamado de “Cosmovisão Cristã”.

4.1 Cosmovisão Cristã

²³Bartholomew, Craig G., and Michael W. Goheen. *O drama das Escrituras - Encontrando o nosso lugar na história bíblica*. 1º ed. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 22

²⁴ibidem. p. 22

Definir o termo “cosmovisão” é um pouco complexo, pois há diversas definições e aplicações que foram feitas pelos mais variados teólogos, contudo, o presente artigo se fundamenta na definição feita pelo teólogo Heber Carlos de Campos Jr (2019, p. 70), segundo ele

Cosmovisão é o conjunto de pressupostos e premissas de vida que carregamos em nosso mais íntimo, com um apego tal que esse sistema de crenças norteia todo o nosso engajamento com o mundo proporcionando a leitura que fazemos da realidade e as bases para nossas ações e reações ao que a realidade nos traz - sem, contudo, deixar de ser moldado por fatores externos que são interiorizados por diferentes processos de apropriação.²⁵

Tal definição é pertinente, visto que, fora construída com base nas definições criadas por outros teólogos que estudam cosmovisão.²⁶

A ideia construída por Campos Jr. (2019, p. 70) é que “cosmovisão” direciona o ser humano a um caminho de como enxergar a realidade, isto é, a maneira como se vê os acontecimentos do mundo, a vida humana e suas relações interpessoais. O conceito está diretamente ligado em como o ser humano deve viver a sua vida.

Campos Jr. (2019) entende que a cosmovisão possui 6 elementos dentro de sua definição, o quinto diz respeito a cosmovisão tendo características normativas, ele diz: “Neste quinto elemento, aprendemos que nossa cosmovisão é tão determinante que ela norteia nossas ações e decisões. (...) A cosmovisão é a base de nossas decisões e ações, aquelas que são frutos de nosso ponderar”²⁷

Ainda que haja definições que arrebatam a definição do termo para o campo intelectual, é preciso destacar a natureza normativa da cosmovisão, visto que, está diretamente ligada às ações e atitudes que o ser humano vive diariamente.

Pelo sentido do termo “cosmovisão” ter um elemento normativo, cada cosmovisão existente no mundo vai direcionar um indivíduo a viver na esfera pública de acordo com seus preceitos. Dentre as diversas cosmovisões, a cosmovisão cristã tem um direcionamento que é apoiado pela leitura da Bíblia como uma história.

4.1.1 Cosmovisão Cristã como uma história

²⁵ Campos Junior, Heber Carlos de. *Amando a Deus no mundo: por uma cosmovisão reformada*. 1º ed. São Paulo: Fiel, 2019, p. 70.

²⁶ Dentre a diversa gama de teólogos que estudam sobre cosmovisão, alguns ganham destaque devido sua importância na área, como por exemplo: Ronald Nash, James Orr, James W. Sire, Wash e Brian Walsh e J. Richard Middleton.

²⁷ CAMPOS cita alguns exemplos de como a cosmovisão pode ser normativa: “Enquanto um pode jogar lixo na natureza sem muito peso na consciência, outro se sente impelido a realizar protestos violentos por causa do que estão fazendo ao meio ambiente.” Campos Junior, Heber Carlos de. *Amando a Deus no mundo: por uma cosmovisão reformada*. 1º ed. São Paulo: Fiel, 2019, p. 66.

A respeito de enxergar a bíblia como uma história, Cho (2021, p. 31) afirma que: “A mensagem cristã nos foi transmitida predominantemente na forma narrativa, de histórias.”²⁸ Logo, os livros da bíblia não estão separados no vácuo, mas estão conectados por essa metanarrativa.

De acordo com Goheen e Bartholomew (2017, p. 24) , tratando a natureza do evangelho a partir da metanarrativa, diz o seguinte: “Esse evangelho é um anúncio sobre para onde Deus está conduzindo a história do mundo inteiro. Jesus emprega uma imagem conhecida do Antigo Testamento para deixar isso claro: um dia o mundo será o reino de Deus.”²⁹

O livro de Daniel certamente apresenta lições espirituais para os cristãos que vivem no século XXI, porém, ele não é uma coletânea de regras morais, na verdade, é um livro que se não for lido a partir dessa metanarrativa não fará sentido. Sobre a leitura abrangente da bíblia, Cho (2021, p. 20) afirma que

O ponto é que, se não concebermos o cerne da mensagem cristã a partir do contexto todo-abrangente do enredo bíblico, cometeremos o sério erro de reduzir o evangelho a algo menor do que ele realmente é. E, quando isso acontece, toda nossa vida fica comprometida: nossa visão de Deus se torna limitada, nossa percepção sobre nós mesmos se distorce, nossos relacionamentos perdem o norte, nossa maneira de entender a vocação cristã se empobrece, e nosso envolvimento no mundo seja na esfera profissional, social, política, cultural, ambiental ou econômica – perde completamente o sentido.³⁰

A afirmação de Cho (2021, p. 20) acerca da “perda completa de sentido” diz respeito à falta de noção do porque o cristão está no mundo, isso está diretamente ligado a como ele vive na esfera pública, visto que, diariamente lida com questões que são divergentes a sua cosmovisão.

Entender a cosmovisão cristã como uma narrativa normativa para a vida pública direciona os caminhos certos para que o cristão viva de acordo com a bíblia, gerando bom testemunho no envolvimento com a cultura.

Por isso, quando falamos da Bíblia como narrativa, estamos fazendo uma declaração normativa sobre a narrativa contada na Bíblia: é verdade pública. É uma declaração de que essa é a maneira como Deus criou o mundo; a narrativa da Bíblia nos conta como o mundo realmente é. ³¹

²⁸ Cho, Bernardo. O enredo da salvação: Presença divina, vocação humana e redenção cósmica. 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2021, p. 31.

²⁹ Goheen, Michael W. e Craig G. Bartholomew. Introdução à cosmovisão: Vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. 1 ed. São Paulo, Vida Nova, 2016, p. 24

³⁰ Cho, Bernardo. O enredo da salvação: Presença divina, vocação humana e redenção cósmica. 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2021, p. 20

³¹Goheen, Michael W. e Craig G. Bartholomew. Introdução à cosmovisão: Vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. 1 ed. São Paulo, Vida Nova, 2016, p. 25

A partir dessa visão da realidade, entende-se que o cristão passará a viver de forma influente na esfera pública, logo, seu envolvimento com a sociedade parte do princípio que a sua vida deve glorificar a Deus.

4.2 Cosmovisão Cristã como um modelo de envolvimento com a esfera pública

É certo afirmar que, diante da narrativa apresentada pelo livro de Daniel, o modelo que o cristão pode viver na esfera pública é aquele que é guiado pela história da bíblia, pois ela revela como o mundo realmente é.

O envolvimento com a cultura é necessário para o exercício da fé, pois como é visto na história da bíblia, o mundo está manchado pelo pecado e por isso, todas as áreas da sociedade como a Educação, Política, Família, Mídia, Artes e afins foram afetadas pela queda.

Diante da realidade do pecado no mundo, o cristão precisa encontrar uma forma de se envolver com a cultura sem se relacionar com ele, com isso, o modelo de cosmovisão cristã guiada pela história da bíblia se apresenta como fiel às Escrituras, visto que, possibilita o cristão a se envolver com a cultura sem ser levado a pecar.

Partindo da teologia da criação, a cosmovisão cristã apresenta a ideia de um mundo que foi criado bom, logo, as esferas da sociedade não são ruins em sua gênese porque não foram criadas pelo pecado. Sobre a natureza criacional das esferas, Campos Jr.(2019, p. 186) afirma:

Tudo é "criacional" e, portanto, "bom". E por que é bom? Porque Deus quer que sua criação seja conhecida (ciência), cultivada (agricultura), apreciada (arte), governada (política), comunicada (educação), e assim sua glória seja manifesta de múltiplas formas.³²

Por conta da gênese criacional das esferas, os cristãos podem se envolver na política exercendo suas funções para a glória de Deus, contudo, esse envolvimento não é baseado visando a dominação cristã, mas sim o livre exercício buscando ser um bom político.

A dominação objetiva uma subversão das esferas, tirando a conceituação moderna do "secular" transformando-a em cristã com o fim de conversão da nação, contudo, a ideia de uma "nação cristã" não encontra apoio nas Escrituras, uma vez

³² Campos Junior, Heber Carlos de. *Amando a Deus no mundo: por uma cosmovisão reformada*. 1º ed. São Paulo: Fiel, 2019, p. 186.

que, de acordo com a história da bíblia, na nova aliança não existe mais uma “terra santa” ou um povo nos moldes do antigo Israel do Antigo Testamento.

É de importância máxima entender a necessidade da vivência influenciadora do cristianismo na esfera pública, uma vez que, por meio dela, Deus será glorificado e um bom testemunho, assim como o de Daniel, será dado.

O cristão vive na esfera pública, cercado de ideias contrárias a sua fé, com a premissa de seguir os moldes originais de como ser um bom cidadão, um bom trabalhador, pai/mãe, marido/esposa, educador, político e etc, pois ele entendeu a história como verdadeiramente é, logo, sua participação não é de dominação, mas de envolvimento para o bem comum de todos.

CONCLUSÃO

Foi indiciado no presente artigo dois modelos de como o cristão pode viver na esfera pública, o modelo dominionista e o modelo de cosmovisão baseado na história bíblica, ambos são similares na sua proposta, contudo, a forma de aplicação é divergente, pois enquanto um possui aspectos políticos de dominação o outro possui aspectos de envolvimento.

O dominionismo se mostrou ineficaz pelo fato de propor um modelo de vida na esfera pública de envolvimento com o objetivo de cristianização das esferas, logo, o fim não é o bem comum da sociedade como um todo, mas elaboração de ideias que beneficiem apenas quem é cristão. O resultado disso é a exclusão de outras fés e como foi visto, a única forma de fazer isso é usando a violência.

Conclui-se que o modelo dominionista pode ser considerado mais um viés político do que religioso, visto que, a religião é usada como um meio para alcançar fins de exclusão na esfera pública, trazendo a maximização da fé cristã dominante.

Em vista da existência de muitos grupos dentro do cristianismo que ainda apoiam essa ideia, ela não deixa de ser fantasiosa e até mesmo utópica, pois visa uma realidade totalmente irreal, como afirma Keller (2014, p. 220):

“Mesmo que 80% de um país seja de cristãos bíblicos, eles não exercerão quase nenhuma influência cultural se não viverem em centros culturais e se não trabalharem em campos formadores de cultura, como ambientes acadêmicos, as editoras, a mídia, o entretenimento e as artes.”³³

O modelo de cosmovisão baseado na história da bíblia se adequa como um modelo possível, pois considera o cristão com possibilidades de engajamento na

³³ Keller, Timothy. Igreja Centrada: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. 1º ed. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 220.

esfera pública, participando de atividades acadêmicas, políticas ou religiosas, sendo agente em inovações tecnológicas e elaborando o avanço nas demais áreas da ciência.

Essa participação ativa só é possível pelo cristão saber que é um coadjuvante na história de Deus em resgatar para si o mundo.

O agente restaurador da criação não é o ser humano, mas o próprio Deus, essa é a ideia da narrativa de Daniel, pois visa mostrar o personagem vivendo na esfera pública da babilônia de forma engajada, trabalhando para o bem comum de todos.

Saber que o mundo foi criado bom, mas foi manchado pelo pecado, que recebeu parte da redenção e que receberá a plena restauração escatológica no futuro, impulsiona o crente a viver na esfera pública aos padrões das Escrituras.

Portanto, a busca do Cristão para viver nas esferas da sociedade de forma coesa com a palavra de Deus é ter sua cosmovisão baseada na história da bíblia, pois o impulsiona a não dominar, mas se engajar de maneira envolvente e participativa.